



Cartografias translimiarias: linhas de fuga do migrante na literatura

Translimitary cartographs: migrant lines of flight in literature

Amilton Queiroz

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre / Brasil
amiltqueiroz@hotmail.com

Simone Souza Lima

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre / Brasil
ssouzalima@gmail.com

Resumo: O ensaio franqueia a reflexão do texto literário como espaço onde se desdobram as cartografias do pensamento transfronteiriço, da narrativa *Algun lugar*, de Paloma Vidal, apontando como são mapeadas algumas linhas de fuga do sujeito migrante e suas estratégias para viver e figurar outras experiências de humanidade e cidadania através do narrar entre e desde as redes translimiarias na literatura-devir.

Palavras-chave: Paloma Vidal, linhas de fuga; literatura; cartografia.

Abstract: The essay franks the reflection on the literary text as a space where the mapping of cross-border thinking unfolds, from *Algun lugar* narrative, by Paloma Vidal, pointing out how some lines of flight of the migrant subjects and their strategies for living and figuring other experiences of humanity and citizenship are mapped through the narrating between and from translimitary networks in becoming-literature.

Keywords: Paloma Vidal, lines of flight; literature; cartography.

Através das fronteiras da literatura: saberes em (inter)conexão, textos em (trans)migração

Os lugares da teoria e crítica literárias têm sido desafiados a lidar com o traço “paradoxal, combativo, ousado, vanguardista e aberto às transformações históricas”¹ e o imaginário² “da linha quebrada, cujos fragmentos provocam curto-circuito de sentidos”.³ Os intelectuais têm trabalhado sobre a espessura do pensamento da fronteira para franquear o conhecimento em espiral, explorando a força semântica de verbos alicerçados na fabulação⁴ de outras perspectivas de humanidade e cidadania. A tarefa é árdua e, acima de tudo, exige uma postura ético-política centrada na ressignificação das textualidades literárias. A tradução da fronteira incentiva, assim, a leitura, a análise e a interpretação de textos e contextos em que se divulgam as heterogeneidades, o corpo-memória, o lugar-discurso, a língua-alteridade e uma literariedade-saber.

Um dos caminhos para concretizar essa empreitada intelectual é ter em conta a lição de que “a literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia”.⁵ O enfoque do texto literário como lugar de fabulação de *performances* convida ao exercício da transdisciplinaridade. As alianças dos saberes interconectam a força *ad intra* e *ad extra* do mundo, abrindo espaço para entender as redes polifônicas do trânsito. Sob tal lógica, a literatura promove a instalação das linhas de fuga do encontro entre o próprio e alheio,⁶ fomentando a configuração de saberes em interconexão e textos em transmigração.

Seja do ponto de vista onde a fronteira, o entre-lugar e o limiar desviam-se da pedagogia eurocêntrica para celebrar o fluxo das margens descentradas do eixo Norte-Sul, seja do ângulo das percepções onde o pensamento da fronteira fisga as epistemologias do Sul, as transmodernidades, as interculturalidades e as transversalidades, a literatura expande o curto-circuito de textualidades que exploram o contorno das experiências paradoxais da humanidade.

¹ SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 217.

² SOUZA. Memória e imaginário, p. 247.

³ BENJAMIM. *Magia e técnica, arte e política*, p. 230.

⁴ HUSTON. *A espécie fabuladora*, p. 21.

⁵ COMPAGNON. *Literatura para quê?*, p. 50.

⁶ CARVALHAL. *O próprio e o alheio*, p. 32.

Pensar a literatura como espaço onde se projeta a cartografia do saber/conhecer sobre/com o outro significa ir além das diacronias e traduzir a sincronia das dicções planetárias em seus respectivos *locus* de enunciação. Esse saber/conhecer pode ser articulado ao conceito de epistemologias do Sul, de Boaventura Santos. O crítico português desenvolve a linha argumentativa da sociologia das ausências e da sociologia das emergências, compreendendo-as como estratégias fundamentais para a superação do pensamento abissal. A epistemologia é, assim, uma atividade de interpretação que não comporta somente o olhar de um Sul geográfico, mas, especialmente, coloca em relevo o signo metafórico do sofrimento humano.

Dentro dessa perspectiva, a literatura constitui um lugar de figuração de epistemes descentradas de uma única rota de percepção, pois seu território é marcado pelas virtualidades do dizer, sentir e experimentar a aventura de fabular outros itinerários da humanidade em movimento. Relacionando esse aspecto à proposta de Boaventura Santos, identifica-se uma crítica da razão metonímica, assentada sobre a variante da dicotomia, simetria e hierarquia das partes. O plano da relação horizontal secundariza o traço vertical dos contatos culturais. Assim, Santos advoga a favor da “ampliação do mundo através da ampliação do presente”,⁷ onde a razão metonímica coexiste com uma multiplicidade de totalidades, sendo elas atravessadas pela máxima do pensamento do mundo em expansão.

O sociólogo português sublinha, ainda, a necessidade de proceder à crítica da razão proléptica através da leitura da contração do futuro para fomentar uma visão de futuro dotada de traços plurais e concretos. A ampliação simbólica dos lugares oportuniza, de fato, o desdobramento do futuro como espaço de alternativas. Nesse ponto, realiza-se uma “investigação prospectiva que opera através de dois procedimentos: tornar menos parcial o nosso conhecimento das condições do possível; tornar menos parciais as condições do possível”.⁸ Boaventura Santos propõe o desenvolvimento de uma hermenêutica diatópica,⁹ centrada no estudo de uma zona de contato cosmopolita que interpela o que, entre que, quando, quem, como e para que traduzir o contexto de produção, recepção e circulação da imaginação sociológica.

⁷ SANTOS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, p. 245.

⁸ SANTOS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, p. 258.

⁹ SANTOS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, p. 267.

Desdobrando essa transitividade, percebe-se que a literatura surge como uma zona de tradução onde se projetam os paradoxos do pensamento da fronteira – metáfora¹⁰ do espírito da migração da humanidade vista para além das demarcações euro-americanas e margeadas pela errância de entrecaminhos orientais, africanos e latino-americanos. Ou seja, a premissa que alicerça o pensamento da fronteira é a de que quanto mais se esticarem as redes de relações mais se exercitará a elaboração de um conhecimento cuja multiplicidade de estratégias interdiscursivas contribui com a produtividade da metáfora dos lugares epistêmicos fronteiriços.

Através da literatura, projetam-se os trânsitos pelos conjuntos socioculturais distintos, cuja densidade estética reconfigura outras subjetividades que não mais se refestelam na manutenção da solidez, mas batiza a compreensão de que não há fronteiras naturais entre os saberes, línguas e territorialidades. O desvio da homogeneidade narrativiza uma cena transnacional que borra a invisibilidade do lugar, entrecruzando labirintos¹¹ entre regiões transfronteiriças. Desse modo, surge a alternativa de pensar a literatura a partir da *poética da relação*,¹² pondo em destaque o espaço de figuração da totalidade-mundo de tempos, línguas e linguagens posicionados na fronteira da pluralidade e diversidade do mundo. O traço rarefeito do mundo se manifesta “como qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”.¹³ As linhas de fuga do texto expressam-se através do não pertencimento, a disjunção e o sentimento de ausência, zonas vivas da narrativização do sujeito migrante nas textualidades do agora.

De tal ângulo, as fronteiras da literatura são um ponto limite de territorialidades em que se remapeiam as geografias transfronteiriças¹⁴ da mediação e das redes, estando elas esboçadas no pensamento de que “escrever é agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”.¹⁵ Por trás e entre os lugares da literatura, esboça-se uma

¹⁰ BERND. *Metáfora*, p. 296.

¹¹ BORGES. *Ficções*, p. 38.

¹² GLISSANT. *Introdução à poética da diversidade*, p.60.

¹³ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 18.

¹⁴ BESSIÉRE. *Centro, centros*, p. 33.

¹⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 19.

cartografia que reancora a interface entre texto, cultura e sociedade. É preciso aprofundar o tom das variações¹⁶ estéticas, pois ele consente a ressignificação arqueológico-cultural de mapas textuais em que o clímax do enredo fomenta trocas entre estratos, planos e dimensões do universo em escansão. A emergência do lugar transfronteiriço decorre do trabalho de agentes da escrita que disseminam a unidade diversa das culturas.

Com pés e mentes em trânsito, os autores-cartógrafos escapam ao confinamento da cegueira homogênea para embarcarem na transumância de textos e contextos culturais que compõem a cena do intercâmbio. O pensamento transfronteiriço habilita, enfim, a travessia pelas tramas das fronteiras da literatura, com suas potencialidades de traduzir saberes em (inter)conexão e vidas em (trans)migração.

Texto-mapa – redes do deslocamento em *Algun lugar*

O romance *Algun lugar* (2009), de Paloma Vidal, pode ser visto como um texto-mapa cuja atmosfera prima pela fuga da diretriz monotemática para figurar o circuito heteróclito das culturas. A escrita de Vidal caminha dentro da perspectiva analítica de que o “texto ficcional ou artístico assume funções próximas do texto teórico, podendo ser interpretado como imagem em movimento na qual a rede metafórica é produtora de redes conceituais”.¹⁷ Sendo assim, *Algun lugar* assume, aqui, o *status* de um espaço intervalar nuançado pela abertura ao movimento e à instabilidade discursiva. Inclusive, a emergência de outros rostos e outros contatos revela a atitude de fuga aos círculos concêntricos para matizar os ruídos da solidariedade que irrompe diante da desconfiança do essencialismo e se ergue em meio à projeção de escalas textuais ambíguas, complexas e multifformes.

O enredo gravita na trajetória de uma professora brasileira por Los Angeles, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Entre essas geografias, a migrante casa, estuda, engravida, separa e tem um filho nomeado de C e assume a condição de errante, ao se fixar simbolicamente nas fronteiras americanas, mas transitar cotidianamente nos limiares latino-americanos. A migrante experimenta, de fato, o sentimento de deslocamento e o contínuo hibridismo cultural. Ela aprende a traduzir a experiência

¹⁶ BERND. *Variações*, p. 389.

¹⁷ SOUZA. *O espaço nômade do saber*, p. 40-41.

intelectual de “não se enraizar, de estar à vontade em múltiplas culturas”.¹⁸ Seja o movimento no estrangeiro, seja o trânsito no nacional, a migrante habita os *não-lugares*,¹⁹ metaforizados na imagem de aeroportos, ruas, museus, quartos e salas como lugares de passagem, portanto, instâncias de provisoriedade.

A trajetória da brasileira ilustra literariamente “comportamentos afetivos, lustrando os sentimentos de ansiedade e de perda nos indivíduos em contato com as diversas formas de migração, diáspora, exílio e alteridade”.²⁰ O percurso da professora problematiza a interação global entre identidades deslocadas, fazendo-as colidir com vozes desviadas das práticas cartesianas de clausura dentro de uma cidadania vista como ponto final. O que vale é a experiência de estar entre as culturas, cruzando fronteiras para transbordar o trato unilateral de identidades, sociedades e nacionalidades fechadas. O afrontamento dos limites expressa a fecundidade com que a migrante aprende a conjugar o elemento híbrido contido na língua, na cultura e na singularidade de seu itinerário, fazendo girar mapas onde se relativiza a centralidade dos saberes para torná-los espaços propícios à teatralização de alteridades transmigrantes.

A modelagem do espaço narrativo de *Algum lugar* faz-se pela ótica das transmigrações, sendo “sustentadas pelos deslocamentos, metafóricos e geográficos, pelos diálogos, pelas múltiplas intercessões”.²¹ A errância da narradora deixa-se sentir no transbordamento das fronteiras cariocas e na tradução do território americano em sua porção educacional. Pelos caminhos da interação, a migrante transita pelo porto da mobilidade, provisoriedade e precariedade como forma de habitar as fronteiras do contato, delineando a convergência virtual entre sujeitos em um mesmo mapa cuja lógica intersemiótica reside na reterritorialização de culturas atravessadas pelo hibridismo dos saberes.

Ponto de aderência ao sintoma da contiguidade e similaridade, *Algum lugar* promove “o mapeamento, o recorte, a representação fina e detalhada de um lugar ou terreno escondido”,²² cuja densidade narrativa conflui para o diálogo com o inacabado e o informe das conexões culturais. Sobre o espaço alheio, a migrante sublinha:

¹⁸ MAFFESOLI. *Sobre o nomadismo*, p. 141.

¹⁹ AUGÉ. *Não-lugares*, p. 94.

²⁰ VIEIRA. *Fora do Brasil*, p. 50.

²¹ HOISEL. *Silviano Santiago e seus múltiplos*, p. 154.

²² COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 162.

Começamos a entender que em Los Angeles as avenidas não são exatamente vias de transporte, para se locomover, existem as freeways, que conformam um mapa sobreposto à cidade, um mapa próprio, com suas entradas e saídas que guardam uma relação apenas tangencial com o desenho quadriculado, remanescente de uma cidade em que a calçada ainda fazia algum sentido.²³

Nesta passagem, o mapa do migrante movimentada a geografia das trocas. A narradora aprende a ir além do substrato físico para se locomover no espaço americano, articulando práticas assentadas na fabulação de coordenadas próprias para conhecer *in loco* o signo estrangeiro. As bússolas elaboradas por outros migrantes não servem, é preciso formular roteiros radicados no alcance de seu olhar, orbitando nas intermediações do lugar. Los Angeles participa, assim, de uma geografia *descentrada, contrapontística*,²⁴ cuja rota hospeda paradoxos que reverberam outras instâncias de focalização, expandindo a topografia de margens híbridas.

A migrante marcha pela constelação estrangeira e aprende a experimentar o movimento de triangulação através da tradução de outras geografias-palavras cuja caligrafia zigzagueante figura percursos,²⁵ derivas e itinerários frágeis desde sua condição alhures. O espaço híbrido onde a latino-americana vive adere à variação da interface do olhar confluyente e disjuntivo de contextos intersticiais. Na cultura alheia, a narradora enfatiza:

O Rio é uma sombra que de vez em quando vejo passar, como uma nave sobrevoando a cidade. Os pontos de comparação são poucos, só a praia, na verdade, que ainda sim é diferente demais, mas me sinto tentada a sobrepor uma geografia sobre a outra como para medir o grau do meu deslocamento ou forçar uma adaptação necessária. Estou aqui porque quero, repito.²⁶

O espaço brasileiro vem dentro da memória da migrante. O rascunho da provisoriade parece flagrar a noção de que o “atlas do

²³ COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 19.

²⁴ SAID. Reflexões sobre o exílio, p. 60.

²⁵ BOUVET. *Percursos*, p. 317.

²⁶ VIDAL. *Algum lugar*, p. 29.

grande Klan também contém os mapas de terras prometidas visitadas na imaginação, mas ainda não descobertas ou fundadas”.²⁷ Esse atlas da diferença expande, recorta e interconecta paisagens. Nessa relação *sine qua non*, a escritura de Vidal ritualiza o aprendizado de uma cidadania translimiar alicerçada na leitura de uma região de saber que fragiliza a solidez do percurso retilíneo e joga o sujeito migrante nos circuitos recíprocos da imprevisibilidade das relações transversais.

A fração do tempo depõe sobre o lugar a partir do qual a migrante aprende a refletir sobre porque, como e para que vive entre o pêndulo da meta de ir além das geografias físicas para habitar outras margens imaginárias das culturas em contato. Desenha-se um mapa translimiar do deslocamento que testemunha o tempo da escrita e o tempo da leitura como durações instáveis das verticalidades textuais, advindo daí “as falhas, os acoplamentos e ressonâncias”.²⁸ As novas formas de interatividade alcançadas pela migrante apontam em direção à cartografia de mundos paralelos que desvelam as cenas de adesão às convergências friccionais.

Entre o ritmo da palavra migrante, *Algum lugar* recupera traces da condição imprevisível²⁹ das relações interculturais:

Numa das primeiras idas à universidade, fui interpelada por uma moça oriental que sorriu como se me conhecesse. Fiquei envergonhada quando ela disse que tínhamos sido apresentadas. Poderia tê-la confundido com qualquer outra das tantas orientais que andavam pelo campus [...] se identificando com um sorriso, *soy coreana*, num espanhol correto e ao mesmo tempo confuso. [...] Enquanto ela falava, eu tentava identificar o que me impedia de compreender as suas frases com precisão. Capturada por esse estranhamento, fiquei perdida quando ela parou de falar de repente.³⁰

A relação intercultural entre as duas migrantes frisa a envergadura do espaço universitário onde o “elemento híbrido reina”,³¹ abrindo as

²⁷ CALVINO. *As cidades invisíveis*, p. 66.

²⁸ COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 165.

²⁹ BERND. Planejando o futuro das relações literárias interamericanas, p. 23.

³⁰ VIDAL. *Algum lugar*, p. 33-34.

³¹ SANTIAGO. *O entre-lugar do discurso latino-americano*, p.16.

linhas imaginárias dos mapas adjacentes da cultura brasileira e coreana em deslocamento pelo território intelectual americano. Anuncia-se a presença de culturas distintas em um mesmo espaço geográfico, estando elas também alinhavadas por experiências plurais cuja rota expressa formas de contar o entrelaçamento de histórias de mundos intersticiais.

Pelo que se observa, o romance de Vidal está posicionado na zona de vizinhança de “algo mais afetivo, uma necessidade de estar longe, de estar fora de um lugar determinado, que deveria nos pertencer, mas não pertence”.³² A movimentação dentro das culturas evidencia a aderência do texto ao exercício do desvio, à captura dos interstícios da linguagem e aos hiatos do deslocamento. A *performance* da narradora diante, através e com as línguas espanhola, portuguesa e inglesa promove um eclipse de experiências transterritoriais, pois ondula por lugares de passagem reveladores do imaginário contemporâneo:

Dou aula de espanhol para uma turma de quinze alunos. Sinto-me uma farsante: meu espanhol é de segunda geração, cheio de interferências de incertezas, ágil, mas pouco preciso. Nunca aprendi as regras da língua e normalmente improvisos, mas não posso improvisar aqui [...] Quando me candidatei ao doutorado, disse que era bilíngue, podia ensinar português ou espanhol, tanto fazia. Com a ajuda dos livros didáticos, de uma gramática e de um dicionário, preparo didaticamente as aulas. O nível intermediário dos alunos facilita o trabalho, mas também me deixa exposta [...] Numa das versões, Jay surpreende-me entregando-me uma pilha de questionários, todos com a mesma inscrição no topo da página: *tú no sabes español*.³³

O sistema de relações expressa o caráter fluido com que a migrante brasileira escava o arquipélago da diferença linguística em Los Angeles, cidade cosmopolita e babel contemporânea atravessada pelo contínuo roçar de línguas na dicção de mexicanos, brasileiros, coreanos, colombianos e argentinos. A travessia da migrante “traça nesta uma espécie de língua estrangeira, que não é outra língua, nem um patois, reencontrado, mas um devir-outro da língua, um delírio que a transporta,

³² VIDAL. *Algum lugar*, p. 58.

³³ VIDAL. *Algum lugar*, p. 47-48.

uma língua feiticeira que se escapa do sistema dominante”.³⁴ A língua espanhola e a portuguesa habitam o lugar da memória da docente, espalhando rastros da pluralidade linguística acionada como lugar que protagoniza a heterogeneidade de regiões culturais onde vivem sujeitos sensíveis aos *problemas da linguagem*.³⁵ A opacidade atua como marca identitária para desconfiar dos essencialismos linguísticos, além de servir de entreposto para dar capilaridade aos encontros e desencontros da multiplicidade babélica do mundo.

A rigor, a migrante brasileira modula na frequência do pensamento de que “não há linha reta, nem nas coisas, nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários, criados, de cada vez, para revelar a vida nas coisas”.³⁶ A língua do trânsito ensinada pela estrangeira é o lugar onde se expressam as linhas de fuga para além da fonética dos saberes, primando pela desmarcação dos limites no campo da sintaxe e semântica das palavras lançadas no palco da interação.

As ações linguísticas da brasileira instauram outros itinerários alicerçados na releitura de visibilidades e dizibilidades do imaginário, fortalecendo a figuração do trânsito de uma cultura a outra através da precariedade dos signos culturais. A perda do domínio sobre as dinâmicas do sentido incentiva a circulação das incongruências das demarcações binárias. A rede do contato da migrante demonstra a força da multiterritorialidade dos sentidos, expandindo relatos cujas assonâncias timbram o rastro alheio no mapa da compreensão do espaço-corpo-linguagem americano:

Comecei a leitura de *Rua de mão única* sem pular a introdução de Susan Sontag. Depois de alguns parágrafos que descrevem fotos de Benjamin do final dos anos 20 ao final dos anos 30, ela afirma: “He was what the French called un triste”. Fico capturada. A frase breve, os idiomas, a promessa de um texto mais subjetivo do que crítico, ou melhor, um texto em que subjetividade e crítica são a mesma coisa só porque se entende a vida e o trabalho são uma coisa só. Ela fala sobre isso adiante, ao tratar da obsessão de Benjamin por trabalhar sem parar, imerso

³⁴ DELEUZE. *Crítica e clínica*, p. 12.

³⁵ GLISSANT. *Introdução à poética da diversidade*, p.80.

³⁶ DELEUZE. *Crítica e clínica*, p. 6.

totalmente no que faz. Menciona inúmeros cadernos, cartas, diários. Tudo vira escrita, até os sonhos, uma escrita capaz de condensar a experiência.³⁷

A memória da migrante desliza pelo tempo das incompreensões e dos lugares onde estavam alojados os projetos de ir além do contato com textos de Walter Benjamin. O pensamento do escritor alemão penetra a zona de narração da brasileira, deslocando as peças de um labirinto de imagens sobre a presença da voz alheia na tessitura da dicção própria. A errância pelas trilhas da subjetividade sinaliza para o afrontamento das fronteiras do dizer, sentir e experimentar as práticas de linguagem no universo do doutoramento da docente tupiniquim. As ilhas do deslocamento da estudante foram ultrapassadas quando o manejo da escrita do autor europeu serviu para demonstrar o percurso das leituras descentradas no lugar americano.

Os aclives da voz alheia foram o espaço do qual a latino-americana retira a lição de que o lugar de passagem escrevia nela os fragmentos de um tempo cujas curvas sublinhavam as sincronias de cada um de sujeitos em interação. A leitura do texto alheio se apresenta como um caminho aberto cujas paisagens flagram a natureza opaca da palavra na trama da memória. A migrante sobrevoa a pedagogia do tempo que se revela na dinâmica e leveza das trocas culturais com o texto forâneo. A fala da migrante destaca a leitura do texto como estratégia de descentramento e hospitalidade do leitor frente à cartográfica de saberes em errância. O estatuto de leitora permite-lhe reinterpretar o olhar de sujeitos de fora e dentro pela remissão metonímica e metafórica da experiência contatual no contemporâneo. A leitura é, assim, um espaço singular onde o plural pontifica a liquidez na geografia da mediação entre a leitora brasileira e o escritor alemão, conseguindo falar das fronteiras permeáveis do imaginário translimiar.

A propósito, Ricardo Piglia enfatiza que os “escritores latino-americanos [estão] numa posição sincrônica em relação à literatura contemporânea, estamos em sincronia com o que fazem os escritores, contemporâneos nossos, dos EUA e da Europa”.³⁸ De leitora a professora, a migrante latino-americana experimenta a posição sincrônica com a série crítica europeia, tirando dela lições importantes para estacionar

³⁷ VIDAL. *Algum lugar*, p. 25.

³⁸ PIGLIA. Entrevista com Ricardo Piglia, p. 64-65.

dinamicamente sobre figuras-símbolo que trafegam no terreno da não linearidade, bem como defere a entrada de outros textos oriundos de diferentes direções. Sintomático disso é o momento em que a migrante admite:

Anotar tudo, essa a regra que sigo nas aulas de Fredric Jameson para que meu pensamento não se perca. Ele começa falando de Raymond Queneau, de *Zazie dans le métro*, da escrita tentando imitar a fala. [...] Heidegger: crítica de nossa percepção comum do tempo. Também Benjamin e Derrida, mas sem distinção entre autêntico e inautêntico. [...] Talvez eu devesse deixar lá para as aulas, penso enquanto escrevo e ele fala de conversas entre Heidegger e Ernest Jünger após a Segunda Guerra Mundial. [...] Seu estilo não é professoral. Tudo parece bastante improvisado, sem apontar para um fim. Ele começa a falar da liberdade em Sartre e do projeto existencialista de ver atrás da aparência. [...] Ele então viaja até Aristóteles, depois Plotino, depois Santo Agostinho, e eu cada vez mais me convenço de que não é momento para fazer esse curso, de mergulhar na filosofia e seus dilemas abstratos.³⁹

As redes de formação da latino-americana são ampliadas através das trocas culturais⁴⁰ estabelecidas com o aprendizado teórico-metodológico acessado nas aulas de Fredric Jameson. A imagem da migrante, manejando o discurso crítico euro-americano, conota a “condição fronteiriça de todo intelectual, considerando-se que fazer crítica hoje implica permutar, transitar ou viajar por espaços incertos e muitas vezes efêmeros”.⁴¹ A aluna de doutorado transmigra, enfaticamente, pelo solo da crítica estrangeira, conjugando o ritmo da heterogeneidade do lugar global.

Mais ainda, ela amplia a identidade de docente/intelectual em trânsito que acessa “sentidos relativamente autônomos em relação aos sentidos produzidos em lugares por práticas diferentes”.⁴² Os sentidos trilhados vão desde uma grade de leitura clássica à contemporânea,

³⁹ VIDAL. *Algum lugar*, p. 52-53.

⁴⁰ CURY. De orientes e relatos.

⁴¹ SOUZA. *Nem samba nem rumba*, p. 155.

⁴² SARLO. *Paisagens imaginárias*, p. 152.

inscrevendo pontos de confluência disjuntiva sobre a elaboração de mapas culturais onde estão narradas as margens e os desvãos de uma história do contato, aberta ao fluxo das potencialidades do (d)entre imaginários.

A brasileira reconhece que o valor da estrutura móvel e habitável se faz em escritas cujo ponto contíguo movimentando conexões intervalares, sendo elas mesmas espaços de questionamento da ditadura da cultura estável. Os espartilhos de retenção são relativizados através da abertura de outras frentes de localização da atmosfera híbrida da migrante, fazendo-a ultrapassar a tópica dos “sonhos de eldorados, impulsionados pela falta que obriga a sair do solo materno para lançar-se ao mar em busca de novas paisagens”.⁴³ Do deslocamento pelas palavras de outrem à remodelagem de seu mundo em assimetria, a migrante executa o movimento prismático da leitura em trânsito, da escrita em movência e da interpretação em devir, problematizando a herança e a dispersão semântica nestes tempos de amores líquidos.⁴⁴

Para além da formação intelectual, a migrante salta entre a fronteira de sua subjetividade feminina, tendo de retornar ao Brasil para criar o filho C. Essa imagem da volta ao espaço latino-americano é bem ilustrativa, haja vista acionar o sentimento de deslocamento contínuo como estratégia para interligar os pontos confluentes de trajetórias individuais dotadas de reticências culturais, conforme se nota em:

Agora, andando por lugares aos quais tantas vezes fazia referência, é como se visse tudo espelhado: de um lado, Buenos Aires, de outro, o Rio, complementares, uma inexistente sem a outra. Todos os sentidos precisam se deslocar para essa outra geografia da qual não consegue mais de desprender, como se lhe fosse mais possível ver, só comparar. Há mais de dez anos não visito a cidade, desde que meus avós morreram, então minha mãe sente a necessidade de me reapresentá-la. Mas é sobretudo a C que se dirige. É ele o sentido da viagem; é por ele que ela constrói o tempo todo pontes entre um mundo e outro, para situá-lo e aproximá-lo.⁴⁵

⁴³ CURY. *De orientes e relatos*, p. 165.

⁴⁴ BAUMAN. *Amor líquido*, p. 55.

⁴⁵ VIDAL. *Algum lugar*, p. 166.

Caracterizando-se em face da memória coletiva, o trânsito pela geografia argentina é uma maneira de a mãe da migrante traçar paralelos entre as culturas latino-americanas, traduzindo como a cidade cosmopolita inscreve traços na subjetividade dos caminhantes. A viagem ao lugar de nascimento da genitora aciona o espírito de deslocamento da ex-estudante de doutorado, ao mesmo tempo em que estica a cartografia de reconstrução do itinerário entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, para que o neto C perceba a transversalidade que tece a vida em seu ritmo de hibridismo cultural. O ir e vir do texto de Vidal larga, enfim, as amarras das fixações para dar lugar à aventura de estar disponível à maximização do espaço alheio como metáfora vacilante das relações interculturais.

As grafias da alteridade traduzem-se, assim, nas errâncias da mãe, da filha e do neto, figuras-símbolo cujas coordenadas deixam em suspensão o que há de vir. A ausência de norte atua como combinatória discursiva para permitir a riqueza de especificidades de direções que exploram o simbolismo das fronteiras latino-americanas. A vivência entre micro e macrofluxos instancia a virtualidade de figuração das culturas em zona fronteiriça. A triangulação entre os lugares evidencia, portanto, que “as culturas podem então ser representadas como zonas de controle ou de abandono, de lembrança, de esquecimento, de força ou de dependência, de exclusividade ou de partilha, tudo isso acontecendo numa história global que é o nosso elemento”.⁴⁶

Na travessia pelas fronteiras argentinas, a migrante guarda dentro de si o devir da cultura americana, pois, como ela mesma enfatiza, “a última decisão que tomei foi a de viajar para Los Angeles”.⁴⁷ Essa fala chancela a reabertura das páginas da enciclopédia do tempo simultâneo, carregado de estrangeiridades, desconhecimentos e testemunhos, referendando a participação do outro numa cena narrativa, cujos artífices do fazer reconhecem-se estranhos na própria casa, mas se sentem participantes acolhidos na casa alheia.

Tecido na curva das interconexões, o romance *Algum lugar* apresenta-se como um texto-mapa em que a errância semântica, linguística, intelectual, transterritorial e intercultural engendra possibilidades de estar no mundo das redes através da figuração de vidas circunscritas entre “a concentração de invenção e expressão ao sentimento

⁴⁶ SAID. A representação do colonizado, p. 136.

⁴⁷ VIDAL. *Algum lugar*, p. 166.

das potencialidades infinitas”.⁴⁸ Destarte, o mapa do deslocamento da docente, mãe e filha pelos lugares de passagem das culturas americana, brasileira e argentina equilibra-se nas fronteiras do devir permanente de recriar, ficcionalizar e traduzir a estrangeiridade, o estranhamento e as linhas de fuga como alternativas para interpretar as experiências da travessia no contemporâneo.

Cartografias translimiaries – linhas de fuga do migrante

Os apontamentos feitos até aqui se coadunam com o pressuposto de que, entre o exercício da crítica e da teoria, o texto literário assume o papel de protagonista dos sentidos, posto que, nele, estão grafadas as reticências da voz narrativa que traduz o ritmo do deslocamento das personagens; expande o tempo além das sincrônicas disjuntivas; arrasta o lugar pela ruptura dos limites, derrubando as fronteiras, e cartografa outras paisagens onde o leitor reaprende a trilhar pelas malhas de ambiguidades, triangulações e desterritorializações de saberes, ecologias⁴⁹ e imaginários transfronteiriços.

Por isso, a tradução das marcas translimiaries passa pela compressão de movências entre espaço-tempos que aportam na pausa e no avanço do percurso da viagem com outras bússolas que procuram ir além do já-visto e já-dito, desviando-se do pensamento fixo para impulsionar a força das respostas plurais. A engrenagem da desmedida revela a paixão de interpretar estilos de viver e estar nos interstícios das culturas, ultrapassando o limite de si mesmo para ler o fluxo das conexões e desvios do sujeito da relação.

Além do mais, as cartografias translimiaries tornam-se pontes de reflexão em que se pode agir criticamente para promover o exercício da interpretação de termos-chave como caminhar, migrar, ocupar, refugiar-se, embarcar, migrar e exilar-se. Tais encruzilhadas intensificam a produtividade de leituras para além das dimensões eurocêtricas da Modernidade, revelando respostas alternativas entre as tantas escalas multiterritoriais. Essa prática intelectual incentiva o trânsito por vias teórico-metodológicas em que haja o enfrentamento do debate sobre a tonicidade dos deslocamentos e das linhas de fuga na conformação de

⁴⁸ CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 134.

⁴⁹ GUATTARI. *As três ecologias*, p. 24.

uma cena de estudo, frisando a confluência disjuntiva dos diversos hiatos operados no campo da teoria⁵⁰ da crítica.⁵¹

Dentro dessa envergadura, o pensamento da fronteira dá tom da cartografia translimiar da linha de fuga de *Algum Lugar*, pois é um romance-mapa em que se exercitam as formas de habitar à distância,⁵² levando o leitor a hospedar-se dentro do caleidoscópio suplementar de uma migrante latino-americana que atravessa, topografa e trança as redes transfronteiriças contemporâneas. Seu percurso translimia os fragmentos do mosaico de alteridades que tem a oportunidade de imaginar a força da exiguidade, a fluidez da cidadania provisória e o abandono ao movimento de transpassar dos lugares locais tornados globais e vice-versa.

Desde seu movimento translimiar, *Algum lugar* maximiza, primeiramente, horizontes onde o “universo infinito da literatura sempre se abrem caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo”.⁵³ Nessa perspectiva, a experiência do deslocamento proporciona uma visão mais arejada do mundo através da fabulação da liminaridade do humano. Espaço a partir do qual se grafam outros intervalos tutores, o romance de Vidal figura, em segundo lugar, a deslocação de cidadanias provisórias cujas fronteiras referendam o valor de estar entre dizeres que estacionam na esfera de epistemologias descentradas.

Assim compreendida, a migrante brasileira celebra, em terceiro lugar, a ética do trânsito enquanto vetor para multiplicação de lugares que se percebem pela estranheza familiar das interações. Nessa trama, a literatura “só se levanta quando descobre sobre as pessoas aparentes a potência de um impessoal, que de modo nenhum é uma generalidade, mas uma singularidade ao mais alto nível”.⁵⁴ A régua de medição da literatura oscila na fresta do saber. Em lugar de encurtar as escalas do domínio da visão, a escrita de Vidal expande a interconexão das transformações transglobais. A fratura interna do lugar a partir do qual se lê a migrância, rompe com o pensamento substancialista e salta por cima dos princípios que canonizam o mesmo em detrimento do estatuto do circuito da troca.

⁵⁰ SOUZA. A teoria em crise, p. 63.

⁵¹ COUTINHO. Da transversalidade da Literatura Comparada, p. 203.

⁵² PORTO. Habitar a diáspora, p. 119.

⁵³ CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 19-20.

⁵⁴ DELEUZE. *A literatura e a vida*, p. 11.

Em quarto lugar, o imaginário em devir da migrante brasileira se realiza a partir de linhas de fuga que transitam entre as linguagens opacas, os intervalos e o caráter efêmero das relações contemporâneas. Essa maneira de ver aponta a narrativização do sujeito migrante e sua integração na humanidade, fugindo da procrastinação de um espaço de enunciação que não diz somente da relativização das memórias, mas especialmente frisa a poética dos fragmentos como alternativa para reler, reescrever e capturar uma dicção babelística⁵⁵ das/nas encruzilhas culturais.

Finalmente, qual espiral, *Algum Lugar* figura o movimento de expressões-limites como entre, pós, inter, trans, através e desde, como continentes de metáforas onde o pensamento transfronteiriço estica o voo teórico-crítico dentre as marcas, as margens e as travessias para impulsionar o lugar de vacância em que “nasce em nós uma terceira pessoa que nos tira o poder de dizer.”⁵⁶ Nesse futuro de ações incertas, marcado pela força dos saberes transversais, desenha-se uma cartografia translimiar do sujeito migrante, com sua dicção híbrida, potencializando o devir das linhas de fuga da humanidade e cidadania nuançada pelo movimento das redes rizomáticas na literatura contemporânea.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. Metáfora. In: _____ (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 269-284.

BERND, Zilá. Planejando o futuro das relações literárias interamericanas. In: _____ (Org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. p. 10-27.

⁵⁵ DERRIDA. *Torres de babel*, p. 20.

⁵⁶ DELEUZE. *Crítica e clínica*, p. 12.

BERND, Zilá. Variações. In: _____ (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis. 2010. p. 389-403.

BESSIÈRE, Jean. Centro, centros: novos modelos literários. In: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça (Org.). *Centro, centros: Literatura e Literatura Comparada em discussão*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011. p. 13-35.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

BOUVET, Rachel. Percurso. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis. 2010. p. 317-332.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHAL, Tania. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COUTINHO, Eduardo. Da transversalidade da Literatura Comparada. In: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça (Org.). *Centro, centros: Literatura e Literatura Comparada em discussão*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011. p. 203-220.

CURY, Maria Zilda. De orientes e relatos. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (Org.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG; Nelan/FALE/UFMG, 2000. p. 165-178.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Torres de babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GLISSANT, Edouard. *Introdução à poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1990.

HOISEL, Evelina. Silviano Santiago e seus múltiplos. In: CUNHA, Eneida Leal (Org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte; São Paulo: Editora da UFMG; Editora da Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 143-169.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora: um estudo sobre a humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PIGLIA, Ricardo. Entrevista com Ricardo Piglia. In: PEREIRA, Maria Antonieta; SANTOS, Luis Alberto Brandão (Org.). *Palavras ao sul: seis escritores latino-americanos contemporâneos*. Belo Horizonte: FALE/Autêntica, 1999. p. 59-65.

PORTO, Maria Bernadette. Habitar a diáspora: representações do imaginário da distância em textos literários contemporâneos. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 119-129, 2012.

SAID, Edward. A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 114-136.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 63, p. 237-280, out. 2002.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. In: _____. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 63-74.

SOUZA, Eneida Maria de. Nem samba nem rumba. In: _____. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 153-160.

SOUZA, Eneida Maria de. O espaço nômade do saber. In: _____. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 37-44.

SOUZA, Eneida. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (Org.). *O lugar da teoria literária*. Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016. p. 217-224.

SOUZA, Raquel. Memória e imaginário. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis. 2010. p. 247-268.

VIDAL, Paloma. *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

VIEIRA, Nelson H. Fora do Brasil: globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea – migração transnacional e luto cultural. In: CHIARELLI, Stefania; NETO, Godofredo de Oliveira (Org.). *Falando com estranhos: estrangeiro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 40-52.

Recebido em: 31 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 9 de abril de 2018.